

## As pessoas fotografadas

Lino Luiz De Marco, 84 anos de idade, filho de Ângelo De Marco e Augusta Zanetti De Marco, nasceu em 21 de abril de 1934, na localidade de Barros, atualmente cidade de Gaurama, RS. Lino Luiz é o terceiro filho de uma família de quatro irmãos (Navilio, Etelvino, Lino e Vitor) e neto de imigrantes italianos vindos da região de Vêneto, Itália. A família conservou muitas das tradições de sua origem, entre elas, a carpintaria, a costura, a roda de história, os cânticos, a religiosidade, a alimentação típica.

Maria Clarinda De Marco, 83 anos de idade, filha de Augusto Ludovico Martinson e Thereza Elisa Campigotto Martinson, nasceu em 1º de maio de 1935. Maria Clarinda é a segunda filha de uma família de três irmãos (Cristina, Maria e Pedro). Seu pai era imigrante lituânio, e seus avós maternos, italianos.

Lino relata que sua vida foi de muito trabalho, mas aprendeu a ser persistente para melhorar de vida. Seu pai tinha uma queijaria, e ele, aos seis anos de idade, por volta das 5 horas e 30 minutos da manhã, fazia um “giro” a cavalo no interior da colônia, por mais ou menos dez quilômetros, para recolher o leite na casa dos produtores. Sua atividade era pesar o leite, colocar no tambor e voltar para casa. No rigoroso do inverno, era preciso descer do cavalo e retirar o torrão de gelo com barro que se formava no casco, pois o cavalo tropeçava, se machucava e não conseguia continuar andando. Chegava em casa por volta das 7 ou 7 horas e 30 minutos, tomava um café e corria para o grupo escolar. Quando não dava tempo de fazer o tema, a professora o mandava de volta para casa; por ter medo de apanhar de seu pai, parava no corte da rede ferroviária (abertura na pedreira para a passagem do trem), onde sentava e fazia o tema. Depois voltava para a escola para aproveitar um pouco mais o recreio. No período da tarde, cuidava dos cavalos na beira da rede ferroviária para não fugirem. Outras vezes, ajudava seu pai a virar o queijo e raspar e passar a “pasta preta”, para que o queijo tivesse maior valor comercial, quando vendido para o comandante do trem de passageiros que passava pela cidade. Também construía seus próprios brinquedos; para isso, usava um pedaço de madeira, um prego e um martelo, o restante era criatividade e imaginação. Quando terminou o primário, foi convidado a trabalhar no engarrafamento de vinho da cooperativa da cidade. Trabalhou na vinícola até os 14 anos de idade. Nesse período, foi convidado por colegas mais velhos, amigos de seu pai, a tocar instrumento musical e fazer parte da banda em outra cidade, mas, por ser menor de idade, seu pai não permitiu. Mais tarde, foi trabalhar na carpintaria da família e aprendeu a arte da marcenaria com o sócio de seu pai. Nessa época, formou um time de futebol de rua com o nome de Da Rua Demarco. Gostava da bola, por isso começou a jogar no time da cidade Aliança Futebol Clube, se tornando um dos melhores jogadores do grupo. Sempre muito religioso, praticante do catolicismo, fazia parte da Congregação Mariana. Foi na igreja que conheceu Maria Clarinda.

Maria conta que, por ser filha de agricultores, desde criança, teve os ensinamentos do pai, no sentido de criar e cuidar os animaizinhos com capricho e amor, além de aprender a respeitar a natureza, observando o céu, a terra, o vento, as fases da lua. Adorava brincar ao ar livre e nas poças de água da chuva. Quando completou sete anos de idade, começou a estudar na Escola Santo Isidoro da Vila Jardim, que ficava 4 quilômetros distante de casa. A irmã Cristina e ela saíam de casa para a escola, passando pela casa dos coleguinhas e, quando chegavam no destino, já tinham formado uma turma de 7 ou 8 crianças. Nos dias de chuva forte, iam descalças, para não sujar os calçados. Chegando na escola, lavavam os pés no Rio Jardim, secavam com as toalhinhas que a mãe preparava e ficavam com seus sapatos limpos, que eram tamancos de madeira. Ninguém brigava e ninguém se batia. Havia um total respeito pelo professor. Chegando em casa depois da escola, por volta de 1 hora e 30 minutos da tarde, almoçava, ajudava a mãe a lavar a louça, descansava e, depois das 3 horas da tarde, acompanhava o pai e a mãe na roça. Sua tarefa era preparar o pasto para os bezerros, fazia isso sempre entoando canções que seu pai ensinava cantando junto. Esse costume de cantar e trabalhar conserva até hoje, pois a deixa feliz e leve. À noite, fazia o tema com luz de lampião de querosene. A rotina era: banho, janta, tema e cama. Com o passar dos anos, o pai vendeu a colônia, e foram morar na Vila Barros, hoje cidade de Gaurama. Continuou os estudos no grupo escolar e, depois, no Colégio Maria Auxiliadora. Por volta dos 15 anos de idade,

foi trabalhar na farmácia do Hospital Santa Isabel de Gaurama. Lá trabalhou por um ano. Sua mãe insistiu para que fizesse os cursos de corte e costura, bordado e crochê, que fizeram com que se tornasse uma excelente costureira; até seu vestido de casamento costurou. Também participava do grupo de jovens Filhas de Maria. O uniforme era um vestido branco com fita azul e medalha de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. A congregação era São Luis Gonzaga. Foi aí que, em um domingo muito abençoado por Deus, se encontrou com Lino. Na verdade, ninguém conhecia Lino como Lino, pois sempre foi conhecido como Lírío.

Como conta Maria: “Namoramos por oito anos, entre namoro e noivado. Nosso divertimento era ir à missa, às festas de futebol e aos bailes para dançar muito. Casamos no dia 24 de outubro de 1958. Dessa união, tivemos seis lindas filhas, que nos deram a felicidade de nos dar seis netos (cinco meninos e uma menina) e um bisneto. Eu me dediquei a cuidar das minhas filhas e a ensinar todos os ofícios que aprendi, para serem pessoas maravilhosas, independentes, doces e fortes”.

Com o passar do tempo, Lírío ajudou a montar um soque antigo de erva-mate numa ervateira local, iniciando suas atividades nesse ramo. Foi se especializando e inventou um soque de erva-mate contínuo. A partir desse momento, foi convidado a montar soques e beneficiamento de erva-mate em diversas ervateiras da região sul, o que possibilitou à família conhecer e viver em outras cidades.

Maria e Lino sempre se esforçaram para dar as melhores condições de educação e estudo para suas filhas. São pais e avós exemplares. São felizes, extremamente ativos (“até janelas lavam sozinhos”, risos) e participativos da vida das filhas, dos netos e do bisneto. Qual o segredo de tanta vitalidade? Procuram enfrentar tudo com alegria, trabalhar com zelo e dedicação, seguir à risca o ditado popular “Nunca deixe para amanhã o que pode fazer hoje” e ter como filosofia “Todo o trabalho labutado com amor e carinho enobrece o homem”. Além disso, mantêm a mente ativa, leem e riem muito. De fato, a vida lhes proporcionou o que há de melhor nessa passagem: a convivência plena em família com humildade, sabedoria e discernimento entre aquilo que pode ser feito e aquilo que a vida oferece.

Este relato foi narrado por Lino e Maria e escrito pelas filhas Roni Maria, Raquel Terezinha, Rita de Cássia e Rejane Leatrice. Lino e Maria foram fotografados em sua residência, em Porto Alegre, RS, no dia de aniversário de 60 anos de casamento.

Passo Fundo, abril de 2018.